

Introdução à Educação Digital para professoras: análise de uma proposta de formação no NTE Porto Alegre

Cátia Zílio

UFRGS e Secretaria de Educação
RS /NTE 1ªCRE

Brasil

catia-zilio@seduc.rs.gov.br

Jacinta Adams

Secretaria de Educação RS /NTE
1ªCRE

Brasil

jacinta-adams@seduc.rs.gov.br

Maria Beatriz Silva de Andrade

Secretaria de Educação RS /NTE
1ªCRE

Brasil

bia-andrade@seduc.rs.gov.br

EXTENDED ABSTRACT

Ao se discutir a questão da informática na Educação a problematização sobre a formação de professores é colocada em evidência, especialmente porque esta classe é composta principalmente por imigrantes digitais. Sendo assim, ainda faz-se necessário promover ações que visem a instrumentalização para o usos das ferramentas computacionais. Inicialmente, a inclusão digital requer a superação da barreira que está relacionada ao acesso aos equipamentos, aos softwares e a conexão à Internet. No contexto atual, não podemos simplesmente rejeitar ou aderir às novas tecnologias, torna-se fundamental construir saberes que, ao possibilitarem a tomada de consciência, levem à efetiva integração das TIC às práticas pedagógicas.

Este estudo busca analisar uma proposta de formação para o uso da TIC desenvolvida pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Porto Alegre (NTE-POA) dirigida aos professores das escolas estaduais. As reflexões fundamentam-se nas ideias de Vygostky [3] sobre aprendizagem enquanto processo histórico e social permanente que não se reduz a formação de hábitos, mas atua na criação e desenvolvimento de novas aquisições internas a partir das inter-relações com os outros. No que tange a tecnologia buscaremos referências em Warschauer [5] ao defender a necessidade de “práticas sociais significativas” para sua efetiva integração, seja nas práticas educativas e pedagógicas escolares ou na vida social dos indivíduos; e em Buckingham [1] ao identificar o "mito popular de que a criança tem afinidade natural com as tecnologias", que se faz presente nos processos de aprendizagem do uso das tecnologias dos imigrantes digitais, público desta formação.

O NTE Porto Alegre constitui-se como um ambiente informatizado formado por uma equipe interdisciplinar de Professores formadores que desenvolvem e articulam ações com o objetivo de sensibilizar e motivar professores e escolas para a incorporação das tecnologias de informação e comunicação em suas práticas pedagógicas, bem como em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Faz parte das suas atribuições estruturar e desenvolver um sistema de formação continuada que privilegie e possibilite a incorporação das novas tecnologias à experiência docente de cada um, visando a transformação de suas práticas pedagógicas.

Neste sentido, o planejamento do curso aqui abordado considerou como possíveis participantes os professores em exercício na rede estadual de educação com pouco ou nenhum conhecimento em informática que buscam atualizar-se às demandas do trabalho docente nos dias atuais. Buscou-se organizar uma estrutura que possibilitasse desenvolver a inclusão social no mundo digital por meio da autonomia na elaboração e planejamento de práticas de integração das TIC ao processo educativo e, ao mesmo tempo, fosse adequada a disponibilidade de tempo dos professores, tendo em vista que a maioria trabalha quarenta horas semanais.

As formações desenvolvidas pelo NTE Porto Alegre privilegiam a modalidade semipresencial, portanto definiu-se que o curso Introdução a Educação Digital teria uma carga horária total de quarenta horas assim distribuídas: dez encontros semanais realizados no laboratório do NTE e quatro atividades não presenciais na qual os participantes eram solicitados a produzir materiais e reflexões sobre o uso das TIC na Educação. A metodologia dos encontros presenciais baseou-se na exposição dialogada com uso de recursos multimídia (projektor, conexão banda-larga, apresentação de slides), exploração das ferramentas e exercícios práticos com utilização de tutoriais, sendo que o número de professores participantes foi definido pelo número de computadores do laboratório, de forma que cada um pudesse realizar individualmente a exploração do computador. Esta opção, de certa forma 'obrigava' todos a interagirem com a máquina, estimulando a turma a conversar com os demais para superar dificuldades.

O conteúdo programático desta proposta de formação compreendeu a instrumentalização para o uso do computador envolvendo reconhecimento do equipamento (hardware e software), a utilização das ferramentas de produtividade (editores de texto, slides e planilha) e a navegação na web. É importante destacar que todas atividades realizadas tinham como foco o olhar pedagógico dos recursos, isto é, como estes recursos podem contribuir e enriquecer a prática docente.

No que diz respeito aos objetivos em relação ao curso, por parte dos professores participantes identificou-se a necessidade de adequar-se às solicitações e demandas do

trabalho docente, ou seja, a elaboração de materiais pedagógicos, a digitação de planos de estudos, provas e textos, bem como a autonomia e a qualificação das práticas com a utilização das TIC. Cabe salientar o desejo pela inclusão social no mundo digital, evidenciada no encontro no qual foram criados e-mails pessoais, momento em que após conseguir efetuar o cadastro e criar sua conta, uma professora sentiu-se realizada e na semana seguinte já havia trocado vários e-mails com colegas e amigas.

Para Vygotsky o processo de ensino numa forma pura não existe; apesar de não coincidirem ensino e aprendizagem não podem ser separados. Aqui, entende-se ensino como um processo intencional, que historicamente foi sendo delimitado como função de um grupo de pessoas - os professores. Todavia, é fundamental considerar a plasticidade deste processo, o que significa que no momento da interação professor/aluno a intencionalidade do professor pode não coincidir com a percepção do aluno. Assim, a principal dificuldade encontrada no decorrer do curso relaciona-se com a capacidade de esquecimento do processo depois de algo ser aprendido o que, muitas vezes, leva a percepção da aprendizagem como algo mágico, no qual só existem acertos.

É necessário mostrar ao professor que o “erro” não deve ser banido do processo de desenvolvimento da aprendizagem, porque muitas vezes é dele que parte o crescimento, a construção do fazer pedagógico. Não podemos “fazer de conta” que os erros não existem ou que não interferem na aprendizagem dos alunos. [2]

Isto requer uma visão diferenciada do erro, não apenas o erro dos alunos, mas um novo olhar sobre o próprio erro, enquanto um elemento que expõe as ideias do sujeito na construção de seus conhecimentos. Uma evidência do avanço possibilitado pela formação pode ser visualizada no registro de uma das professoras participantes:

Antes de fazer o curso de Introdução à Educação Digital me sentia uma analfabeta digital, uma pessoa desprovida de informações tecnológicas, só usava o computador para ler e responder e-mails.
Hoje, embora tenha muitas coisas a aprender e a praticar, já me sinto uma pessoa inserida ao mundo virtual, tecnológico. Com certeza, não sou mais a mesma, pois fui desafiada a crescer, melhorar e a produzir com mais qualidade. Já consigo planejar uma aula mais interessante, motivadora e qualificada, de acordo com o século 21, fazendo uso desta ferramenta.

Passa-se a compreender a aprendizagem como um processo permanente, na medida em que a troca de instrumento exige uma nova aprendizagem sobre o mesmo processo, acredita-se que continuamos a aprender a escrever ao longo da vida. Segundo Vigotskii, Luria & Leontiev [4] no refere-se a aprendizagem das crianças e dos adultos:

[...] diferença essencial consiste nas diversas relações destas aprendizagens com o processo de desenvolvimento. Aprender a usar uma máquina de escrever significa, na realidade, estabelecer um certo número de hábitos que, por si sós, não alteram absolutamente as características psicointelectuais do homem. Uma aprendizagem deste gênero aproveita um desenvolvimento já elaborado e completo, e justamente por isso contribui muito pouco para o desenvolvimento geral.

Entretanto, quando pensamos na aprendizagem do uso das tecnologias podemos identificar um conjunto de novas características para o processo de escrita e leitura, dentre as quais podemos considerar a ruptura com a linearidade. Assim, no que diz respeito aos processos de aprendizagem das TIC por adultos, fica um questionamento que necessita de um estudo mais aprofundado para levantar possíveis respostas: aprender a usar o computador pode ser equivalente a aprender a escrever?

Sem se deter a este questionamento, importa para o estudo aqui proposto destacar que a implicação imediata das similaridades e diferenças entre as formas de aprender fazem do espaço da sala de aula um espaço interativo e ágil de descoberta e criação individual e coletiva do conhecimento científico e de desenvolvimento de competências para o exercício da participação crítica e responsável nos processos sociais.

A continuidade deste estudo terá como foco as implicações desta formação e suas influências para a mudança das práticas pedagógicas das professoras em relação ao uso das TIC, afinal esta proposta de formação parte de premissa de que o que está em jogo não é o simples acesso e a execução de tarefas com o uso do computador, mas o desenvolvimento da capacidade de utilizar as TIC para finalidades pessoal e socialmente significativas no processo de ensinar e aprender.

REFERENCIAS

- [1] Buckingham, D. (2007) Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: Edições Loyola.
- [2] Souza, R. A. M. & Leite, S. A. S. (2003) O erro na constituição do conhecimento: a mediação pedagógica em foco. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem12/C12049.doc> Acesso em 09 out. 2011.
- [3] Vygotsky, L. S. (1998) Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes.
- [4] Vygotsky, L. S.; Luria, A. R. & Leontiev, A. N. (2006) Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo : Ícone.
- [5] Warschauer, M. (2006) Tecnologia e Inclusão Social: a exclusão digital em debate. São Paulo: Senac.